

*Imigração, sindicalismo
revolucionário e fascismo
na trajetória do militante
italiano Edmondo Rossoni*



IMIGRAÇÃO, SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E FASCISMO NA TRAJETÓRIA DO MILITANTE ITALIANO EDMONDO ROSSONI

RESUMO

Atraído pelo chamado de alguns companheiros exilados no Brasil em virtude da repressão que se seguiu a uma grande greve agrária ocorrida na Itália em 1908, o militante sindicalista revolucionário Edmondo Rossoni, que se tornaria, anos mais tarde, o grande organizador do sindicalismo fascista, deixava, em 1909, o exílio francês para um período de exílio brasileiro. Este artigo analisa alguns aspectos fundamentais de suas idéias e da sua intensa experiência política e sindical e também sua experiência brasileira, que se manifestou através de artigos, conferências, participação em organizações de trabalhadores e greves, além de uma experiência educativa mais formal como professor da Escola Moderna do bairro da Água Branca em São Paulo. Além disso, o artigo apresenta uma reflexão, a partir da trajetória de Rossoni, sobre as fortes ligações entre a experiência da imigração e o amadurecimento de convicções sindicalistas e nacionalistas que explicam, em parte, a trajetória de alguns militantes que, como ele, por caminhos tortuosos, foram parar nos braços do fascismo. Assim, torna-se central no artigo uma reflexão sobre o sindicalismo revolucionário e o fascismo e sobre as relações, reais ou fictícias, que foram estabelecidas entre eles.

PALAVRAS-CHAVE

Imigração. Sindicalismo Revolucionário. Fascismo. Corporativismo.

Edilene Toledo¹

IMIGRAÇÃO, SINDICALISMO
REVOLUCIONÁRIO E FASCISMO
NA TRAJETÓRIA DO MILITANTE
ITALIANO EDMONDO ROSSONI

Um dos fenômenos mais desconcertantes da história do movimento operário internacional foi a passagem de vários sindicalistas revolucionários ao governo fascista de Mussolini, e a sua participação ativa na idealização e na organização do sindicalismo fascista. O caso mais surpreendente dessa virada talvez tenha sido o de Edmondo Rossoni, militante que manteve fortes ligações com o movimento operário de São Paulo, cidade onde viveu uma de suas experiências de imigração.²

As explicações dos historiadores para a metamorfose que levou militantes importantes do sindicalismo revolucionário ao governo fascista são as mais variadas e vão do oportunismo puro e simples ao esforço de salvar o “salvável”, à fé na idéia de que o que realmente importava era a unidade da classe trabalhadora, entre outras interpretações. Para vários historiadores, porém, ao menos nos anos iniciais do regime, na Itália, essa estranha passagem deveu-se a uma incerteza em relação à natureza da “revolução” que se efetivara e a uma esperança em uma virada à esquerda, que nunca aconteceu, mas que o fascismo nunca deixou de anunciar.³

¹ Professora de História do Brasil da Universidade Federal de São Paulo.
edilene.toledo@unifesp.br.

² Não faltam exemplos dessa curiosa passagem tanto entre os teóricos como entre os organizadores do sindicalismo revolucionário. É certo também, porém, que muitos outros sindicalistas revolucionários se opuseram ao fascismo desde o seu início. Os sindicalistas revolucionários também não foram os únicos representantes da esquerda a integrar as fileiras do fascismo. Vários socialistas e mesmo anarquistas também o fizeram. Um exemplo interessante é o de Leandro Arpinati que tinha sido socialista e depois anarquista e mais tarde um fascista dos mais violentos. Ver *Emilia Romagna: itinerari nei luoghi della memoria 1943-1945*. Milão: Touring Editore, 2005, p. 51

³ Ver sobre essa questão as importantes reflexões CANDIDO, A. *Teresina e seus amigos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Entre os historiadores italianos ver Alberto Aquarone, Giulio Sapelli, Alberto De Bernardi, Leonardo Rapone e Renzo de Felice, entre outros.

Um fenômeno histórico semelhante pode ser observado no Brasil no momento da implantação do governo Vargas, em 1930. Naquele contexto, até mesmo o militante anarquista Nello Garavini, que trabalhava como garçom no Brasil, escreveu a seu companheiro de luta Luigi Fabbri, então exilado no Uruguai, que ainda não havia compreendido a natureza da revolução que tinha ocorrido no nosso país.⁴

Mas o que fazia desses governos, ao menos para parte dos trabalhadores e militantes, um enigma difícil de decifrar? Sabemos que, no Brasil, a reação dos trabalhadores à Lei de Sindicalização foi inicialmente, no conjunto, negativa, pois várias correntes temiam a perda da liberdade e o atrelamento ao Estado. Entretanto, segundo os trabalhos de Angela de Castro Gomes e outros autores, essa avaliação não pode ser generalizada, pois houve setores do movimento operário que viram com interesse a proposta do governo, considerando que ela garantiria a negociação com um patronato pouco disposto a negociar. Alguns, embora temerosos, a aceitaram por considerá-la inevitável. Outros, é claro, a recusaram inteiramente. Mas nos anos seguintes, particularmente em 1933 e 1934, centenas de sindicatos se tornaram legais para tentar garantir o direito anunciado pela legislação trabalhista e previdenciária, e para poderem eleger deputados classistas para a Assembléia Constituinte, e as lutas se endereçaram ao esforço de fazer cumprir as leis. A derrota parcial do governo na Constituinte, porém, que o obrigou a fazer mudanças na Lei de Sindicalização, dando maior autonomia aos sindicatos, anunciou um período de avanço da organização sindical. O esforço do governo no controle do movimento operário e no apaziguamento dos conflitos de classe tinha sido só parcialmente vitorioso.⁵

Na avaliação presente em relatórios policiais, elaborados no início do governo Vargas, era o fato de os sindicatos em São Paulo não serem predominantemente controlados por anarquistas ou por comunistas, mas sim por sindicalistas revolucionários, que

⁴ Acervo pessoal de Giordana Garavini, Castelbolognese, Itália. Giordana Garavini obteve cópias das cartas enviadas por seu pai ao amigo, com a filha de Luigi Fabbri, Luce.

⁵ Foi apenas em 1935, com a Lei de Segurança Nacional, que a intervenção contra os sindicatos e os sindicalistas se tornou mais incisiva e violenta.

os fazia mais predispostos a aceitar o projeto do governo. O sindicalismo revolucionário, uma prática sindical nascida nos anos 1890, se transformou, nos primeiros anos do século XX, numa corrente política autônoma em relação ao socialismo e ao anarquismo. Ele se transformou num movimento internacional em grande parte em virtude da circulação das idéias favorecida pela imigração e seus participantes, nas várias partes do mundo, se reconheciam num projeto internacional comum. Também no Brasil, os sindicatos inspirados pelo sindicalismo revolucionário tinham como princípio o ingresso de todos os trabalhadores, de qualquer tendência política, nas agremiações operárias, o que exigia que o sindicato não aderisse a nenhuma corrente política específica, de modo que todos os trabalhadores pudessem aceitá-lo. Era um claro esforço de atenuar o peso dos conflitos políticos e religiosos que dividiam os trabalhadores. Era também, para muitos, a confiança na idéia de que o sindicato era o único órgão capaz e suficiente para garantir as transformações presentes e futuras para os trabalhadores. Então o fato de esses sindicatos se concentrarem na luta econômica, de fazerem um constante apelo à unidade da classe, e de declararem um “apoliticismo”, em termos de não-adesão a um partido ou corrente específica, foi compreendido pelo governo Vargas como um fator positivo no esforço de efetivação de seu projeto sindical, como se lê claramente nas linhas de um relatório policial, segundo o qual, embora os comunistas desde a fundação do partido procurassem conquistar a hegemonia em meio ao proletariado, isso era dificultado

em grande parte por uma tática inteligente desenvolvida pela Delegacia de Ordem Social que, aproveitando a posição ideológica das correntes predominantes no seio do proletariado militante, fez com que prevalecesse o critério apolítico nas organizações que, apesar de discutido com os seus mentores, teoricamente estão, quer queiram quer não, de acordo com o apoliticismo da lei de sindicalização do Ministério do Trabalho. Esta tática produziu os melhores resultados, trazendo conseqüentemente uma sensível divisão nas diversas facções sindicais existentes. Estabeleceu-se assim abertamente a guerra de tendências, a guerra de escolas dentro dos quadros do sindicalismo político e antipolítico

(...) o predomínio resultou a favor do pensamento apolítico.⁶

Podemos considerar, portanto, que a relativa esperança e a incerteza que marcaram o comportamento de parte dos militantes sindicalistas e de parte dos trabalhadores, tanto na Itália como no Brasil, nos anos 1920 e 1930 se deveram, em parte, ao fato que o fascismo e outros regimes com elementos de inspiração fascista, como o de Vargas, instrumentalizaram algumas das idéias do sindicalismo revolucionário, que precederam seus esforços de organização sindical. Esse fenômeno levou alguns historiadores a considerar o sindicalismo revolucionário um inspirador dos fascismos, ou mesmo a enquadrá-lo como uma espécie de pré-fascismo mais ou menos inconsciente. Os trabalhos do historiador israelense Zeev Sternhell, talvez o exemplo mais radical dessa leitura, consideram que ao substituir o modelo marxista de luta de classes com o de corporações, o que seria uma solução integral da questão social e da questão nacional, o sindicalismo revolucionário teria inspirado o fascismo.⁷ Entretanto, para os sindicalistas revolucionários, a revolução deveria ser realizada na esfera econômica, para criar uma sociedade de trabalhadores livres, com uma gestão autônoma da produção. Autores como o historiador italiano Ferdinando Cordova observam que o corporativismo fascista não propôs nem realizou nada parecido com o projeto dos sindicalistas revolucionários. É certo que fascismo e varguismo não podem ser entendidos somente pelos seus discursos, separados de suas ações efetivas, e é claro também

⁶ Ver carta do policial Antonio Ghioffi ao Dr. Ignacio da Costa Ferreira, Delegado de Ordem Social. São Paulo, 10-06-1931. Federação Operária de São Paulo (FOSP), prontuário no. 716, vol. 2, Arquivo do Estado de São Paulo, Delegacia de Ordem Política e Social (AESP, DOPS).

⁷ Ver STERNHELL, Zeev. *Naissance de l'ideologie fasciste*. Paris: Fayard, 1989 e *Ni droite ni gauche – l'ideologie du fascisme en France*. Paris: Seuil, 1983. Ver também PINTO, A. C.. "A ideologia do fascismo revisitada: Zeev Sternhell e os seus críticos". *Revista Ler História*, n. 6, 1985. A obra de Sternhell tende a destacar as contribuições de famílias ideológicas não tradicionalmente associadas ao fascismo, como o socialismo e o sindicalismo revolucionário. Ele estabelece uma separação entre fascismo e a direita conservadora, destacando o caráter revolucionário da sua ideologia e prática política e a sua origem de "esquerda". Autores como Jacques Julliard e Leonardo Rapone consideram as teorias de Sternhell inaceitáveis.

que suas práticas corporativistas foram, em grande parte, muito mais um esforço de superação do sindicalismo que de sua aplicação. A tese da continuidade, ou até mesmo de uma verdadeira derivação do fascismo do sindicalismo revolucionário, depois repetida por parte da historiografia antifascista, foi criada pelos próprios ex-sindicalistas, com o objetivo evidente de demonstrar a sua coerência ideológica.⁸ Porém, há muitas questões complexas, que devem ser investigadas, sobre a relação desses governos autoritários com as idéias dos sindicalistas que os precederam. Isso tem relação com a auto-representação do fascismo, mas também com a forma com que os contemporâneos o viram.

Nos duros anos que separaram as duas grandes guerras mundiais, o fenômeno fascista, nas múltiplas facetas que o caracterizaram, apresentou-se e assim foi visto por grande parte dos contemporâneos, tanto os que o apoiavam como os que a ele se opunham, como uma “terceira via”, que se contrapunha tanto aos sistemas, culturas, ideologias, práticas políticas e instituições que se reconheciam nos princípios do liberalismo e da democracia, como aos da tradição socialista e da nova realidade soviética.⁹

No caso do fascismo italiano, que, por uma série de razões se conecta com a história do Brasil, para que ele fosse percebido e vivido dessa maneira, ou seja, como uma alternativa entre a direita e a esquerda, entre o capitalismo e o socialismo, um dos elementos mais importantes foi certamente o mito do corporativismo, isto é, a proposta de uma substituição radical da representação política¹⁰

⁸ Em 1939-40, Arturo Labriola, importante teórico do sindicalismo revolucionário na Itália, escreveu suas memórias, que a censura fascista impediu de publicar. O motivo fora o fato que Labriola, nesse escrito, recusara explicitamente a tese da continuidade ideológica entre o sindicalismo revolucionário e fascismo, dissociando-se de qualquer tipo de instrumentalização. Ver: LABRIOLA, A. *Spiegazioni a me stesso. Note personali e culturali*. Napoli, 1945, Apud CERVETTI, V. *Sciopero agrario del 1908: un problema storico. Atti del convegno tenuto a Parma l'1 e 2 dicembre 1978*. (a cura di Valerio Cervetti). Parma: STEP, 1984, p. 191.

⁹ Texto fundamental para a compreensão dessa problemática é SANTOMASSIMO, G. *La Terza Via Fascista. Il Mito del Corporativismo*. Roma: Carocci, 2006. 317 p.

¹⁰ O que reeditava, em parte, o antiparlamentarismo e a antipolítica que estavam presentes em vários dos movimentos do período anterior.

com a representação do mundo produtivo, do trabalho, o que parecia a resposta e a saída para uma sociedade que não podia mais se basear nos princípios liberais, mas que temia a solução socialista. É certo que a organização sindical que ele postulava permaneceu no terreno da potencialidade e não incidiu concretamente no fazer-se da política do regime. Foi, de fato, nesse terreno que a distância entre as palavras e os fatos, típica do regime fascista, se manifestou com maior intensidade. Foi, porém, a crença nesse mito um dos elementos que manteve parcialmente viva a esperança num retorno de Mussolini ao seu passado socialista.

Grande artífice dessa proposta sindical e corporativa tinha sido Edmondo Rossoni. Os sindicalistas fascistas, dos quais Rossoni foi o principal expoente, foram os protagonistas das primeiras formulações corporativas, embora tenham sido sucessivamente afastados do debate e tenham se tornando até opositores delas, no contexto da luta pela sobrevivência de suas organizações e por considerarem que o Ministério das Corporações usurpara muitas das atribuições que o sindicato fascista considerava suas.

Fundamental para que Rossoni elaborasse o seu corporativismo foi sua convivência nos anos anteriores com outro militante sindicalista revolucionário, Alceste De Ambris, o mais importante organizador desse movimento na Itália e no Brasil. De Ambris tinha vivido dois longos períodos de exílio no Brasil, especialmente em São Paulo, entre 1898 e 1903 e entre 1908 e 1911. Quando Rossoni emigrou para o Brasil, em 1909, veio atendendo a um chamado seu. Eles tinham sido amigos e companheiros de várias lutas políticas e sindicais na Itália e no Brasil. Mais tarde seguiriam caminhos contrários, pois Rossoni aderiu ao fascismo e De Ambris, depois de uma brevíssima aproximação dos fascistas, optou por se opor abertamente, antes ainda que o fascismo chegasse ao poder, e seguiu o duro caminho do exílio antifascista. Foi, porém, das idéias de De Ambris que Rossoni e outros adeptos do fascismo extraíram as propostas do corporativismo.

De Ambris havia teorizado e defendido o corporativismo quando escreveu, em 1919, a Constituição da cidade de Fiume, mas acusou, mais tarde, Mussolini e os fascistas de terem roubado e deturpado suas idéias. A cidade de Fiume, alvo de disputa entre a Itália e a Iugoslávia, havia ficado, após a Primeira Guerra Mundial, em uma situação indefinida. Em setembro de 1919, alguns setores militares rebeldes, junto com alguns grupos de

voluntários, sob o comando de Gabriele D'Annunzio, ocuparam Fiume, que estava sob controle internacional, e declararam sua anexação à Itália. Ali De Ambris participou de uma tentativa de revolução e foi o principal artífice do esforço de criação de uma república democrática, derrotada pela ação do governo italiano.

De Ambris, mesmo depois da derrota em Fiume, continuou insistindo no valor da Constituição que havia escrito, e da própria experiência de Fiume, como parte da história da libertação dos oprimidos, e insistiu sobre a distância entre o seu corporativismo e o fascismo:

A carta del Carnaro¹¹ não contém nada que pareça nem de longe com a legislação fascista. Deve-se reconhecer que ela é o exato oposto, porque a *Carta del Carnaro* é toda animada do mais largo e audaz conceito de liberdade democrática, como necessário pressuposto da organização do Estado.¹²

O historiador italiano Renzo De Felice¹³ considera que a Constituição escrita por De Ambris não tem nada a ver, no espírito e na substância, com o corporativismo e com os programas de reforma político-social fascistas, embora alguns fascistas demagogicamente ou sentimentalmente assim o afirmassem. Segundo ele, o corporativismo de De Ambris, presente na Constituição de Fiume, deve ser visto e estudado como uma espécie de síntese (embora amadurecida em uma atmosfera específica, meio irreal, do microcosmo legionário fiumeano, no qual circulavam todos os estados de espírito, todas as idéias, todas as contestações, todos os propósitos revolucionários daquele tempo) das concepções sindicalistas revolucionárias desenvolvidas nas primeiras duas décadas do século XX na cultura européia e em toda uma série de grupos subversivos radicais italianos e estrangeiros. Essa me parece a visão mais sensata sobre esse tema,

¹¹ Carta del Carnaro foi o nome dado à Constituição escrita por De Ambris. Carnaro era o nome do rio que atravessava a cidade.

¹² "Fiume e il fascismo". *La Libertà*. Paris, 29 de abril de 1922, Apud SERENI, U. e CERVETTI, V. *Lettere dall'esilio*. Parma: Grafiche STEP Editrice, 1989, p. 89.

¹³ Renzo De Felice foi um grande historiador do fascismo e famoso biógrafo de Mussolini.

mas não faltam autores que atribuem a De Ambris uma responsabilidade não secundária na gênese do fascismo e na elaboração do corporativismo fascista¹⁴. A Constituição de De Ambris foi considerada por representantes e estudiosos do fascismo como uma incubação deste movimento. Mas, na verdade, ela seguia uma linha mazziniana¹⁵ e sindicalista e não burocrático-autoritária como o chamado corporativismo fascista.

Quando aderiu ao fascismo, Rossoni provocou indignação e protesto de muitos de seus ex-companheiros de luta, socialistas e sindicalistas, em várias partes do mundo e também no Brasil.¹⁶ Estes não conseguiram ver na sua atitude nenhuma coerência e nenhuma linha de continuidade com sua história pregressa. Teresina Carini Rocchi, socialista italiana amiga de Rossoni e de De Ambris, no período em que estes viveram no Brasil, escreveu ao primeiro, em 1926, perguntando-lhe se era verdade o que se dizia sobre ele em São Paulo. Ele respondeu com as seguintes palavras:

¹⁴ Ver, por exemplo, PARIS, R. Um compagnonnage hasardeux: Alceste De Ambris. In: *Campolonghi, une vie d'exil*. Paris: Éditions du CEDEI, 1989, p. 27-36.

¹⁵ Mazziniano, referente a Giuseppe Mazzini (1805-1872), revolucionário do movimento de libertação e unificação italiana. Defensor de um republicanismo radical, Mazzini acreditava na necessidade de uma insurreição para a libertação da Itália, que deveria ser feita por todo o povo, sem distinção de classes. Esforçou-se para criar uma base entre artesãos e operários, opondo-se, porém, ao marxismo e à ideologia socialista. Muitas sociedades operárias surgidas na Itália a partir da metade do século XIX inspiraram-se nas idéias de associação de Mazzini e eram controladas por mazzinianos. Mazzini chegou a afirmar que as organizações de trabalhadores, sobretudo as associações operárias, as de socorro mútuo e as cooperativas, seriam o núcleo da futura nação, imaginada como uma república democrática. O movimento mazziniano afirmava também a necessidade de participação dos trabalhadores no interior das fábricas, dos bairros, das empresas agrícolas, das prefeituras, até as instâncias institucionais do Estado. Embora sua proposta republicana tenha sido derrotada no processo da Unificação da Itália, sua proposta associativa continuou tendo sucesso em amplos setores populares e as idéias e experiências do movimento se tornaram um patrimônio da organização sindical italiana de diferentes tendências e se enraizou profundamente na cultura dos trabalhadores italianos.

¹⁶ Sobre essa reação ver CANDIDO, op. cit., p. 66.

Cara senhora. Foi um grande prazer para mim receber a sua carta. A sua recordação me traz um grande prazer, tendo-a lembrado sempre também através das minhas peregrinações e nos pouquíssimos momentos de trégua na dura luta combatida nesses últimos anos. Tenho estado sempre tomado por um trabalho enorme. As corporações são a base da revolução fascista. Não se reconhece mais a Itália. Toda ela é jovem, vibrante, dominada por uma vontade ilimitada de poder. Venceremos muitas provas. Estou mandando remeter-lhe o meu jornal diário e minha revista "La Stirpe". Lembre-se de mim e receba uma saudação cordialíssima do seu afetuoso amigo Edmondo Rossoni.¹⁷

Teresina não teve dúvidas a partir do recebimento dessa carta e economizou tempo e papel, respondendo com um bilhete curto e eloqüente: "Rossoni: você é um cachorro. Teresina Carini Rocchi"¹⁸

Apesar de os argumentos de Rossoni tentando demonstrar a coerência de seus atos não terem convencido muitos de seus antigos companheiros de luta, parte da historiografia italiana sobre o fascismo considera-o como representante do que se convencionou chamar de "esquerda fascista" e acredita na convicção sincera dele e de outros de que o corporativismo representasse uma possibilidade efetiva de superação do capitalismo, ou como vimos, uma terceira via plausível entre coletivismo e individualismo liberal. Os socialistas mais realistas, segundo essa lógica, teriam a tarefa de pressionar, no interior do regime, para que a situação se desenrolasse em direção a uma economia organizada com base corporativa e com fortes conotações socialistas.¹⁹

¹⁷ CANDIDO, op. cit., p. 66-67.

¹⁸ CANDIDO, op. cit., p. 67.

¹⁹ Ver SANTOMASSIMO, G. 2006, op. cit., p. 99. No início do regime fascista, seguindo essa lógica, a virada mais clamorosa foi a de Angelo Oliviero Olivetti, importante sindicalista revolucionário que se rendeu ao fascismo no início de 1923. Olivetti considerava que o fascismo era um fato e que era necessário enfrentá-lo de dentro, não de fora, e que só o sindicalismo poderia dar vitalidade ao fascismo. Olivetti argumentava também, porém, que a nação era superior às classes. De um sindicalismo revolucionário, portanto, que pretendia transformar radicalmente a estrutura social, passou-se a esse

O quanto tenha durado a crença nessa hipótese fantasiosa é difícil de precisar. É claro que o assassinato do socialista Matteotti em 1924 não deixou mais muitas dúvidas sobre o fascismo, apagando em muitos qualquer ilusão de uma potencialidade socialista. Mas considero que todas essas questões apresentadas até aqui abrem um debate interessante para a compreensão da história política desse período, tanto na Itália como no Brasil, em que os grupos que tomaram o poder tiveram que se confrontar e dar uma resposta, ou ao menos simular uma resposta, à forte demanda de participação política que tinha caracterizado o período que os antecedeu.

Vejamos então alguns momentos importantes da atuação de Rossoni, como sindicalista revolucionário, no período que antecedeu o surgimento dos fascismos.

Antes de vir para o Brasil, mais especificamente no período compreendido entre os anos 1903 e 1908, Rossoni teve uma participação muito ativa no movimento operário italiano ligado aos princípios do sindicalismo revolucionário. Rossoni nasceu em Tresigallo, província de Ferrara, na região da Emília-Romanha, no dia 6 de outubro de 1884, filho de Attilio Rossoni e Dirce Cavaleri. Nos primeiros anos do século XX, portanto ainda muito jovem, se filiou ao Partido Socialista Italiano na sua cidade e participou de várias greves entre 1903 e 1904 e da greve geral deste ano. 1904 na Itália foi o ano em que se intensificou uma desilusão em relação à ação parlamentar dos reformistas e foi se afirmando, mas não sem conflitos, a ideologia do sindicalismo revolucionário. É nesse momento que Rossoni começa a aparecer como organizador sindical, quando a força da grande greve geral de 1904 parecia dar razão aos sindicalistas revolucionários, contra o socialismo mais reformista da tática eleitoral. O sindicalismo revolucionário foi, portanto, na Itália, assim como em outros países, uma dissidência do Partido Socialista, e não uma germinação dos meios anarquistas. De fato, Rossoni e De Ambris nunca tinham sido anarquistas. Muitos socialistas, porém, em vários países, consideravam os sindicalistas revolucionários próximos demais

sindicalismo nacional que se transformará no chamado corporativismo fascista. Ver FURIOZZI, G. B. *Il Sindacalismo Rivoluzionario italiano*. Milão: Mursia, 1977, p. 76.

dos seus velhos adversários anarquistas, pela recusa do Estado centralizado e pela relativização da importância do partido na condução da transformação social.

No fim daquele ano, Rossoni transferiu-se para Milão, onde passou a trabalhar no escritório de uma indústria. Logo se aproximou do movimento sindicalista revolucionário da cidade, a opção mais radical dentro do movimento operário da época, com exceção do anarquismo. É interessante observar como os militantes se deslocavam muito também dentro da própria Itália e se inseriam facilmente no movimento sindical. Em novembro de 1906 havia se tornado um dos elementos mais importantes de um grupo de propaganda sindicalista e no início do ano seguinte tinha sido eleito delegado da União dos Empregados de Empresas Privadas e começou a colaborar, como correspondente de Milão, no periódico *La Gioventú Socialista*, órgão da Federação Nacional Juvenil Socialista, então dirigido por Alceste De Ambris, em Roma. Era o início de uma amizade e de uma ação conjunta que mais tarde, como vimos, traria Rossoni a São Paulo.

Em junho de 1907, Rossoni abandonaria a federação socialista milanesa, respeitando as orientações mais radicais do sindicalismo revolucionário e concentraria suas atividades na Câmara do Trabalho de Milão, onde se destacou pelo seu radicalismo. Até então as militâncias sindicalista revolucionária e socialista tinham caminhado juntas, apesar dos áspers conflitos.

Rossoni participou também intensamente da propaganda sindicalista na cidade de Piacenza, na região da Emília-Romanha, onde tinha nascido, até junho de 1908 quando, para escapar de uma condenação a quatro anos de prisão por “instigação à delinqüência” e propaganda antimilitarista, fugiu para a França, em Nice. A sua região, a Emília-Romanha, em virtude da força do movimento dos trabalhadores, não foi uma região de forte emigração. Mas, pelo mesmo motivo, era uma região com intensa emigração política, da qual Rossoni foi um representante. Na França escreveu artigos em italiano para o jornal *Le Droit du Peuple*, órgão da federação socialista dos Alpes Marítimos. Ameaçado de expulsão pelo governo francês, ele deve ter recebido com entusiasmo a carta de De Ambris, convidando-o para vir ao Brasil.

Chegando em São Paulo, em março de 1909, Rossoni participou ativamente da organização dos operários do bairro da Água Branca, no distrito da Barra Funda, zona oeste da cidade. Ele tinha então 25 anos. Já em maio do mesmo ano, a Legação da

Itália em Petrópolis informou ao Ministério do Interior italiano que Rossoni se encontrava em São Paulo, onde exercia a profissão de jornalista no periódico *Fanfulla*, garantindo que ele seria adequadamente vigiado pelo setor competente em São Paulo.²⁰

Assim que chegou a São Paulo, Rossoni foi acolhido pela comunidade de refugiados italianos, que tinham criado uma forte rede de solidariedade. Além de De Ambris, ele foi acolhido também por outro importante militante sindicalista, Paolo Mazzoldi. Rossoni foi reconhecido por outros militantes e por trabalhadores como um sindicalista revolucionário importante, pois fora logo convidado a participar das atividades da Federação Operária de São Paulo, a FOSP (que tinha sido criada no fim de 1905, reunindo vários sindicatos e ajudando a criar muitos outros), como conferencista²¹, juntamente com De Ambris, e a escrever no órgão da Federação, o jornal *Lotta Proletaria*. Rossoni logo observou e relatou em cartas a seus amigos que tinham ficado na Itália ou na França, que a FOSP era dirigida por sindicalistas revolucionários como eles, com os quais ele logo se identificara, e não por anarquistas.

Como se vê, ele e De Ambris se uniram aos esforços dos participantes da FOSP, que tinha como secretário e principal referência o militante sindicalista também italiano Giulio Sorelli²², e a reconheceram como um sindicato dirigido por sindicalistas, como os sindicatos que ambos vinham dirigindo na Itália. Fica patente o esforço desses sindicalistas, entre os mais importantes do movimento na Itália, e obrigados a se exilar por causa da repressão às greves que eles ajudaram a organizar, entre as quais a principal foi a grande greve agrária da província de Parma em 1908, que pretenderam trazer sua experiência para alimentar o

²⁰ Pasta de Edmondo Rossoni (pasta 4466) Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

²¹ Essas informações encontram-se em carta enviada por Rossoni a Ottavio Dinale, outro importante militante sindicalista revolucionário, em 30 mar. 1909. Fragmentos dessa carta encontram-se em ANTONIOLI, M. *Azione diretta e organizzazione operaia. Sindacalismo rivoluzionario e anarchismo tra la fine dell'Ottocento e il fascismo*. Manduria: Lacaita, 1990, p. 161.

²² Giulio Sorelli tinha vindo muito jovem para o Brasil e tinha sido socialista, já no fim do século XIX, convertendo-se depois ao anarquismo. Antes ainda da fundação da FOSP tinha abraçado as idéias do sindicalismo revolucionário que adotava na sua prática sindical.

movimento sindicalista no Brasil, particularmente em São Paulo.²³ É por isso também que as polícias italiana e brasileira os mantinha sob vigilância constante, assim que chegam a São Paulo. Essa preocupação ficou patente quando analisamos os fascículos individuais dos militantes italianos no mundo produzidos pela polícia italiana, que incluíam pequenas biografias e vasta correspondência com os consulados, fotografias, entre outros documentos. Só o conjunto dos fascículos de militantes italianos que estiveram no Brasil inclui mais de 500 nomes. Essa vigilância constante intensificou-se ainda mais durante o fascismo, mas foi muito atenta já desde 1900, quando o assassinato do rei Umberto I, executado na Itália pelas mãos do anarquista Gaetano Bresci, tinha sido anteriormente planejado em meio à colônia italiana dos Estados Unidos.

Em São Paulo, naquele ano de 1909, o número especial comemorativo do Primeiro de Maio, momento mais importante de reflexão no movimento operário mundial e também no Brasil, quando se fazia um balanço do ano que passara e se projetavam as esperanças no futuro, apresentou um longo artigo de Rossoni que, polemizando com o socialista italiano Giovanni Scala²⁴, defendeu o sindicalismo revolucionário:

A Lotta Proletaria (...) delineou o programa e a estratégia da Confederação do Trabalho Francesa, que é

²³ As greves de 1908 na Itália tinham mandado para o caminho da imigração De Ambris e Rossoni para o Brasil, Fulvio Zocchi para a França, Filippo Corridoni e Tullio Masotti para a Suíça e também muitos outros quadros de base do sindicalismo italiano. Esse êxodo certamente teve impactos sobre o movimento operário dos países de destino.

²⁴ Giovanni Scala era filho de Antonio Scala e Maria Rosa Fanelli e tinha nascido em San Rufo, província de Salerno, Campania, Itália. Segundo a polícia italiana, que o vigiou sobretudo a partir dos anos 1920, porque ele se tornou um antifascista ativo, Scala era um “socialista perigoso”. Filho de camponeses, Scala veio muito jovem para o Brasil, provavelmente em 1897, com seus pais, e mais tarde associou-se aos socialistas de São Paulo e exerceu a atividade de caixeiro-viajante. Nos primeiros anos do século XX, Scala atuou intensamente na FOSP e escreveu vários artigos no jornal *La Lotta Proletaria*, mas nunca deixou de ser socialista. Permaneceu no Brasil, morrendo no Rio de Janeiro em 1933. Ver pasta de Giovanni Scala, Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

precisamente na linha do sindicalismo revolucionário (...) Nós somos sindicalistas, porque a realidade dos fatos nos persuadiu cada vez mais de uma coisa muito simples e natural, isto é: que a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores. Coisa velha, na verdade, mas também sempre nova, especialmente depois que se foi constatando nesses últimos tempos a completa falência do socialismo de partido e o conseqüente renascimento no seu campo natural e fecundo dos sindicatos de ofício. (...) A história recente demonstra sua formação e conclui que *o sindicato operário é a única organização que contém em si uma grande força de transformação social.* (...) Como é natural que o herdeiro legítimo do espírito e da ação socialista seja o sindicato operário, que inicialmente se formou para realizar quase exclusivamente movimentos econômicos e foi absorvendo *todas as funções necessárias para realizar todo o conteúdo ideal e material das aspirações revolucionárias* (...) porque ele tem em si mesmo as energias capazes da produção da riqueza e poderá também amanhã — eliminadas as organizações burguesas — regular a distribuição (...) Seu programa não se limita ao aumento do salário e à diminuição das horas de trabalho (...) mas reforça e estende o sentimento da solidariedade entre todas as categorias de trabalhadores. Ele representa a união dos produtores explorados: seu fim é, portanto, a reivindicação para eles, da terra, dos instrumentos de trabalho, e da riqueza social com o meio da ação direta e da greve geral expropriadora. Organização de batalha hoje — batalha sem restrições ou covardias de nenhum tipo — será amanhã o elemento-base para a gestão da sociedade igualitária e comunista, a qual os trabalhadores aspiram.²⁵

Esse artigo de Rossoni resume vários aspectos e idéias do sindicalismo revolucionário: a inspiração na experiência francesa, o sindicalismo como o verdadeiro herdeiro do socialismo (embora o partido o considerasse só uma heresia),

²⁵ ROSSONI, E. Sindacalismo e sindicalisti. *La Lotta Proletaria*, 01 maio 1909, p.2. Os grifos são meus.

a associação do quotidiano reformista com a perspectiva revolucionária, a idéia de que a emancipação dos trabalhadores só poderia ser feita por eles próprios, a idéia do sindicato como o único órgão suficiente e capaz de transformar a sociedade, porque ele prepararia os trabalhadores a gerir a futura sociedade e reforçaria os laços de solidariedade entre todos os trabalhadores, garantindo a unidade da classe. Rossoni vinha assim se juntar ao movimento sindicalista revolucionário de São Paulo, que reunia sindicalistas puros, socialistas, anarquistas, alguns republicanos e outros a essa tendência sindicalista revolucionária que se manifestava nas ligas, na Federação e no seu jornal, o *Lotta Proletaria*. Mais tarde, como vimos, Rossoni reelaboraria algumas dessas idéias nas propostas sindicalista e corporativa durante o regime fascista.

Em São Paulo, Rossoni fazia também conferências de propaganda. Em maio de 1909, por exemplo, *La Lotta Proletaria* falava de uma conferência sua realizada na festa do Gruppo Filodrammatico Aleardo Aleardi, em São Paulo. É interessante aqui observar a ação conjunta dos sindicalistas revolucionários e socialistas com representantes de outras formas de associação de trabalhadores. Além dos grupos teatrais e outras associações políticas ou recreativas, havia uma aproximação também com as sociedades de socorro mútuo. Naquele dia Primeiro de Maio de 1909, cerca de mil operários do bairro da Água Branca, segundo a estimativa da imprensa operária da época, foram em passeata até a Lapa onde se realizou um comício no qual discursaram Garetti, Berthelot e também Rossoni, e depois os trabalhadores voltaram para a Água Branca cantando o *Inno dei Lavoratori*, um dos hinos mais apreciados e cantados pelos trabalhadores na Itália, naquele tempo e ainda hoje. A imprensa operária no Brasil chegou a apresentar sua letra e partitura. Ele falava do resgate dos trabalhadores, da necessidade da união, de um futuro feliz, de se conseguir viver com o fruto do próprio trabalho ou de morrer tentando. Dizia também: “Se divididos somos fracos, estreitos em feixes somos potentes”.²⁶

²⁶ Letra disponível em www.cgil.it, e www.cantilotta.org, entre outros. Acesso em 02 abr. 2008.

Às duas e meia daquele Primeiro de Maio houve também um comício na sede da FOSP, onde falaram Angelo Scala²⁷, Ferrari, e novamente Rossoni, além de outros.²⁸

A atuação conjunta desses militantes, como vimos, foi logo temida e anunciada como um perigo. Já em junho de 1909, portanto logo após a intensificação das atividades dos militantes durante o mês de maio, o comissário de polícia responsável pelo serviço de vigilância em São Paulo, Alliata Bronner, enviou uma carta ao Ministro da Itália no Brasil na qual comentava com temor as tentativas dos sindicalistas “refugiados da Itália de organizar em Ligas de resistência, menos efêmeras do que as atuais, o proletariado do Brasil central que se pode bem dizer: proletariado internacional”.²⁹

O historiador italiano Maurizio Antonioli, autor de importantes trabalhos sobre o sindicalismo italiano, argumenta que ainda está por ser feita uma avaliação concreta da incidência da imigração sindicalista no desenvolvimento posterior do movimento operário italiano. De qualquer forma, ele considera de antemão que a experiência amadurecida no exterior pelos líderes do movimento sindical italiano não deve ser subestimada.³⁰ Em vários casos, como o de De Ambris, é a experiência da imigração que faz amadurecer convicções sindicalistas, o que fica claro no estudo da sua trajetória.³¹ Quando volta à Itália depois do primeiro exílio brasileiro, entre 1898 e 1903, ele é reconhecido

²⁷ Angelo Scala era irmão de Giovanni Scala. Nasceu, como o irmão, em San Rufo, província de Salerno em 12 jan. 1891 e veio para o Brasil com poucos anos de idade. Em 1911, foi preso em São Paulo por ter tomado parte numa tentativa de manifestação contra a guerra ítalo-turca. Em 1915, como muitos italianos emigrados, voltou à Itália e lutou na Primeira Guerra. Em 1919, voltou para São Paulo. Nos anos 1930, foi vigiado pelo consulado de São Paulo por ser considerado antifascista. Ver pasta de Angelo Scala no Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

²⁸ Il Primo Maggio. *La Lotta Proletaria*, 16 maio 1909, p.3.

²⁹ Relatório do Secretário de Segurança Pública, Cesare Alliata-Bronner, funcionário do Serviço Especial de Vigilância, junto ao Consulado de São Paulo, 30-06-1909, ACS, Roma Apud PINHEIRO, P. S. e HALL, M. *A Classe Operária no Brasil. 1889-1930*. Vol. I. São Paulo: Alfa Omega, 1979, p. 110.

³⁰ ANTONIOLI, op. cit., p. 127-128.

³¹ TOLEDO, E. *Travessias revolucionárias*. Idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

como um organizador sindical importante. No caso de Rossoni, a experiência de exílio brasileiro também parece reforçar somente suas convicções sindicalistas, enquanto é a experiência nos Estados Unidos, mais tarde, que parece ter influenciado em certa virada nacionalista, intensificação, mas também modificação, de uma idéia e um sentimento que caracterizaram grande parte do movimento operário italiano, em virtude da herança importante recebida do movimento de unificação italiana, nesse caso entendido e vivido como um nacionalismo de esquerda, revolucionário. O próprio De Ambris foi grande defensor da idéia da Itália como nação proletária, a qual, uma vez realizada a sua revolução, sairia em defesa de outras nações que lutassem pela liberdade e pela transformação social.

O acontecimento mais importante ocorrido durante a permanência de Rossoni em São Paulo foi a greve dos operários da fábrica de vidro Santa Marina no bairro da Água Branca. Essa fábrica, fundada em 1895, às margens do rio Tietê, por dois grandes empresários paulistas, Antônio da Silva Prado e Elias Fausto Pacheco Jordão, empregava, nos primeiros anos do século XX, cerca de 600 operários, e tinha uma produção intensa de garrafas e vidros planos. Os operários da fábrica, em grande parte italianos, mas também franceses, ainda estavam em greve quando a polícia prendeu Rossoni, com a acusação de ter incitado os trabalhadores a realizar o movimento. Embora a participação de Rossoni tivesse sido fundamental na organização desses trabalhadores, era comum no período que os empresários e a polícia, cuja relação se caracterizava por íntima colaboração, atribuíssem as manifestações de insatisfação dos trabalhadores à ação de uns poucos “cabeças”. Isso tinha ocorrido também dois anos antes durante as greves pela jornada de oito horas, quando o secretário da FOSP, junto com outros militantes, tinha sofrido um processo de expulsão.³²

Rossoni vinha, desde sua chegada a São Paulo, participando de várias atividades junto aos vidreiros. Além das

³² Esses processos de expulsão que se seguiram às grandes greves pelas oito horas, em 1907, fonte riquíssima para a compreensão da história dos trabalhadores e dos militantes nesse período, encontram-se no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro. Cópia deles me foi generosamente cedida pela professora Christina Roquette Lopreato, autora de importantes estudos sobre o anarquismo no Brasil.

palestras e apoio na organização e nos movimentos, Rossoni era também o professor da escola racionalista³³ que os vidreiros mantinham; outro exemplo da intensidade da atuação de Rossoni durante os nove meses em que viveu em São Paulo. Vida, trabalho e militância se confundiam na trajetória e intensa atuação desses militantes, não havendo separação entre eles.

No caso da greve da Santa Marina, uma comissão de grevistas tinha pedido ao Cônsul italiano que intervisse em favor deles junto ao chefe de polícia, ao presidente do Estado e aos proprietários da fábrica. Ele disse ter tentado acalmar os ânimos e ter pedido certa tolerância por parte da polícia para evitar grandes conflitos. O Cônsul, porém, percebeu logo que a greve não seria facilmente resolvida e nem acabaria tão cedo. Segundo ele as razões da greve não eram econômicas, mas uma questão de honra.³⁴

Essa greve ilustra, de fato, um aspecto importante da cultura dos trabalhadores da época, que envolvia noções precisas de direitos e dos limites que empresários e contramestres não podiam ultrapassar. Em muitos casos, as paralisações do trabalho envolviam questões relativas àquilo que consideravam a dignidade dos trabalhadores, em especial se os ofendidos fossem mulheres e crianças. Foi o caso dessa greve.

A história da greve assim se desenrolara: no dia nove de setembro daquele 1909, os *portadores* (meninos de 10 a 15 anos) da

³³ A escola racionalista ou escola moderna era uma orientação pedagógica que via na educação a base da transformação social. Ela se opunha tanto ao ensino ligado à igreja como ao ensino do Estado, defendendo, por sua vez, as classes mistas, a ênfase na ciência e o esforço de formar alunos criativos e com iniciativa. Sobre esse tema ver LUIZZETTO, F. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional — 1900-1920*. Tese (Doutorado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984 e JOMINI, R. C. *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, entre outros. Um aspecto interessante dessas escolas era a mudança da cronologia histórica, isto é, a ênfase no estudo dos movimentos revolucionários, diferenciando-se enormemente dos programas de estudo de história então vigentes em outras escolas.

³⁴ Rapporto del Regio Console in San Paolo in data 30 ottobre 1909 (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

Santa Marina pediram à diretoria da fábrica 500 réis de aumento de salário. O gerente não só negou o aumento, mas, segundo a imprensa operária, recebeu-os com insultos e grosserias. A Liga de Resistência dos Vidreiros, ao ser informada dessa atitude do gerente, resolveu formar uma comissão para conversar com a diretoria e tentar dar uma solução para a questão. Essa liga tinha nascido em 1907 com o nome de *Lega dei vetrai di Água Branca* e, logo em seguida à sua fundação, em reunião com Giulio Sorelli, os trabalhadores aderiram por unanimidade à Federação Operária de São Paulo, a qual, como vimos, se inspirava no sindicalismo revolucionário, e realizaram a eleição dos delegados.³⁵

Os principais acionistas da Santa Marina eram Antonio Prado e o coronel Asdrubal do Nascimento. Estes, vendo a dimensão que tinha tomado o movimento, envolvendo toda a fábrica, resolveram atender o pedido de aumento dos meninos, mas não aceitavam demitir o gerente.

Sendo assim, os operários decidiram continuar a greve e se reuniram em torno da fábrica, ao ar livre, uma vez que a sede da Liga tinha sido fechada pela polícia e assim resolveram permanecer até que tivessem sido atendidas todas as reivindicações, incluída a demissão do gerente, o que explica porque o Cônsul italiano tinha declarado que a greve estava mais associada a uma questão de honra do que a uma questão econômica.

Para forçar a diretoria da fábrica a aceitar as reivindicações, os trabalhadores resolveram associar à greve um movimento de boicote a todas as marcas de cerveja produzidas pela fábrica Antártica, isto porque eram também grandes acionistas desta fábrica os acionistas da Santa Marina. Para isso, a Liga dos Vidreiros publicou um longo manifesto, explicando as razões e apelando para a solidariedade dos trabalhadores de todo o Estado de São Paulo e também do resto do país. Segundo os trabalhadores, o boicote obteve bons resultados.

Como reação, a companhia mandou que os grevistas deixassem imediatamente as casas onde moravam, que eram da companhia. Todos os grevistas abandonaram as casas. Uns se mudaram para casa de amigos que viviam próximos da fábrica.

³⁵ Movimento Sindacale. *Avanti!*, 24 jun. 1907, p.3

Outros, não tendo amigos que pudessem acolhê-los construíram casas de pau-a-pique, cobertas de sapé em um terreno próximo da fábrica, de propriedade “de um amigo dos operários”.³⁶ Essa comunidade improvisada tinha cerca de cem operários e suas famílias, uma cozinha comum e reuniões de cantoria no fim da tarde, onde se ouvia o hino da Internacional e *Carmagnole*³⁷, uma das canções francesas mais populares, a preferida dos *sans-culottes* na Revolução Francesa e depois cantada, com novas letras, por membros de vários movimentos revolucionários e pelo movimento operário. Como vimos, vários dos trabalhadores da Santa Marina eram franceses.

Como a polícia considerou Rossoni um dos principais agitadores da greve, ele era obrigado a apresentar-se diariamente ao delegado de polícia. No dia 3 de outubro, um domingo, quando os grevistas estavam realizando uma festa, aparecem cerca de 15 policiais, que invadindo a casa onde estava se realizando a confraternização, prenderam vários trabalhadores. Em pouco tempo, todos foram libertados, menos Rossoni, a quem as autoridades brasileiras já tinham a intenção de expulsar. Rossoni só foi libertado treze dias depois, após três pedidos de *habeas corpus*. Sua defesa foi feita pelo advogado anarquista Benjamim Mota.³⁸

Apesar da violência da polícia e da prisão de Rossoni, os operários continuaram reunidos em torno dos seus objetivos. A solidariedade não faltou e alimentos foram enviados por outros operários, inclusive do interior. “É uma questão de dignidade”, concluiu o artigo publicado n’*A Voz do Trabalhador*. Parte das casas construídas no acampamento pelos grevistas foi incendiada. Os

³⁶ Movimento operário em S. Paulo. *A Voz do Trabalhador*, 30 out. 1909, p. 2.

³⁷ Idem.

³⁸ Benjamim Mota tinha dirigido o jornal anticlerical *A Lanterna*, em 1901, e passara de livre-pensador a anarquista, a mesma trajetória que seguiria pouco depois Edgard Leuenroth, o mais importante militante anarquista brasileiro. Mota escreveu um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o anarquismo, *Rebeldias*. Com o português Neno Vasco e os italianos Sorelli, Alessandro Cerchiai, Oreste Ristori, Tobia Boni, Angelo Bandoni, Gigi Damiani, Augusto Donati, participou da redação do jornal *O Amigo do Povo*, a partir de 1902. Defendeu também muitos outros militantes, sindicalistas, socialistas e anarquistas, ameaçados de expulsão. Uma biografia desse interessante personagem ainda está por ser escrita.

trabalhadores acusaram a polícia pelo incêndio, mas esta, depois de um inquérito, acusou os proprietários da fábrica.³⁹

Os operários em greve tinham tentado criar uma cooperativa, mas essa tentativa não se concretizou e estes ficaram em uma situação muito difícil porque não conseguiram encontrar trabalho como vidreiros, não só no Estado de São Paulo, mas em nenhuma fábrica do país, segundo o cônsul italiano. Por outro lado, por causa do boicote que os grevistas pediram que fosse feito através da Federação Central dos Vidreiros em Genebra, o cônsul considerava que também a fábrica teria muitas dificuldades para contratar novos operários para completar o trabalho, embora um dos fornos já estivesse funcionando com um número suficiente de operários que tinham voltado ao trabalho.

O cônsul tentou convencer os operários a voltar ao trabalho renunciando às reivindicações, e, caso isto ocorresse, ele pediria a ajuda do cônsul francês, visto que metade dos trabalhadores em greve eram franceses, para negociar com Antonio Prado. Um grupo de cerca de doze operários, entre os quais o secretário da Liga de Resistência dos Vidreiros, aceitaram a proposta. Pouco depois, porém, os operários mudaram de idéia e não quiseram mais aceitar o retorno ao trabalho sem condições e pediram a demissão de pelo menos dez chefes dos operários contrários à greve e que estavam trabalhando. Diante dessa reivindicação, o cônsul retirou-se da negociação. Na versão do cônsul, teriam sido os conselhos de Rossoni, De Ambris e Benjamim Mota que impediram o movimento de acabar bem:

(...) Rossoni junto com o advogado Benjamim Mota e o senhor Alceste De Ambris preparou a greve da vidraria e com conferências contínuas que a mantiveram sempre viva, incitando os grevistas à violência contra quem queria retomar o trabalho e iludindo-os também, para obter a resistência, com a promessa de fundar uma cooperativa.⁴⁰

³⁹ Movimento operário em S. Paulo. *A Voz do Trabalhador*, 30 out. 1909, p. 2.

⁴⁰ "Rapporto del R. Consolato Generale d'Italia di S. Paolo in data 19-11-1909 diretto al Ministero degli Affari Esteri Roma" na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

Em novembro, devido à insistência dos grevistas, os cônsules da França e da Itália fizeram uma nova tentativa de negociação para que esses fossem readmitidos na fábrica, mas não tiveram sucesso. Diante dessa recusa da fábrica em aceitar os trabalhadores de volta, que dessa vez estavam dispostos, obrigados pela fome, a voltar sem nenhuma condição, os grevistas italianos, em massa, pediram ajuda ao consulado para obter a repatriação, mas o pedido foi negado.

O cônsul argumentou também que tinham sido a intransigência e as pretensões impossíveis dos operários que os tinham impedido de negociar o retorno ao trabalho e que, portanto, eles deveriam se resignar diante da batalha perdida e permanecer em silêncio, sem pretender concessões dos industriais através do uso da violência. Os grevistas declararam pretender fazer uma coleta de dinheiro e pediram que o cônsul obtivesse uma redução do preço da passagem, ao que ele respondeu que faria por eles nem mais e nem menos do que fazia para os outros italianos. Não sabemos como acabou essa história, mas a julgar pelo tratamento dado ao conjunto dos italianos é de se supor que esses continuaram no Brasil. Em uma carta anterior, porém, o cônsul havia manifestado a intenção de ajudar a sair do Brasil quatro ou cinco famílias de grevistas que ele considerava que não eram exatamente subversivas, tranquilizando o ministro italiano ao qual era endereçada a carta, com a esperança de que esses italianos, muito provavelmente desembarcariam em Marselha.⁴¹

O tratamento que o consulado italiano reservava aos tantos italianos pobres presentes em São Paulo desestimulava a aceitação do esforço do próprio consulado e dos ricos da colônia de difundir o amor à pátria e a identificação com a nação italiana, a identidade nacional personificada na figura do rei. Militantes freqüentemente criticavam essa proposta, dizendo que era difícil para os emigrados amar o país que os tinha expulsado e os obrigava a viver em terras distantes. Alguns grupos de emigrados, em particular alguns dos provenientes das regiões do sul da Itália, eram mais propensos à aceitação dessa propaganda, o que gerava uma série de conflitos com outros italianos críticos dessa proposta nacionalista e patriótica. Esse conflito manifestava-se com freqüência nas

⁴¹ Idem.

sociedades de socorro mútuo e, em alguns casos, resultou até em episódios de violência.

Durante o fascismo, como reflexo dos aspectos nacionalistas presentes na filosofia fascista, o desinteresse dos governos liberais foi substituído por uma presença constante, com o objetivo de fazer dos imigrantes verdadeiras colônias italianas no exterior. Estas deveriam ser forças políticas manobráveis em nome dos interesses da mãe-pátria. De fato, poucas semanas após a Marcha sobre Roma, o próprio Mussolini tinha afirmado explicitamente que daquele momento em diante “os emigrados deveriam ser considerados meios de irradiação das idéias e dos produtos italianos, e a emigração parte integrante da política externa fascista”.⁴²

Antes da expulsão de Rossoni, o jornal *Fanfulla* afirmara que o comportamento das autoridades italianas em relação ao caso Rossoni tinha causado uma impressão muito ruim no público do jornal, pois este teria sido preso ilegalmente e a Legação e o consulado nada teriam feito para que a lei fosse aplicada. Rossoni, segundo o *Fanfulla* só teria sido libertado com a ajuda dos estudantes do Centro Acadêmico “Onze de Agosto”.

O *Fanfulla* publicou também uma carta do próprio Rossoni onde ele contava que durante sua prisão a polícia, de acordo com o cônsul da Itália, Baroli, tinha tentado convencê-lo a comprometer-se a deixar “espontaneamente” São Paulo. Segundo Rossoni, o cônsul havia informado à polícia brasileira que ele tinha sido condenado na Itália como “anarquista perigoso” e que teria sido também expulso da França. Rossoni se defendeu argumentando que sua condenação na Itália se devia ao fato de que tinha escrito artigos contra o militarismo e que da França nunca tinha sido expulso, o que é verdade, visto que ele tinha vindo o Brasil justamente temendo a expulsão.⁴³

Em uma carta que o cônsul enviou ao Ministério das Relações Exteriores no mesmo dia da publicação da carta de Rossoni no *Fanfulla*, ele se defendera dizendo que o secretário da Justiça de São Paulo havia pedido realmente informações não

⁴² Maria Rosaria Porfido. *Emigrazione italiana nel fascismo*. Disponível em www.alef-fvg.it/emigrazione. Acesso em 15 abr. 2008.

⁴³ Una lettera di Edmondo Rossoni – il suo arresto e le autorità italiane. *Fanfulla*, 21 fev. 1909, p.2.

apenas a respeito de Rossoni, mas também sobre De Ambris, mas que ele havia respondido somente que se havia condenações eram por motivos políticos e não por crimes comuns, que os fichários judiciários do comissário de polícia italiano eram já antigos e que ele teria escrito para a Itália pedindo informações. Certamente nem mesmo essas respostas evasivas teriam ajudado Rossoni e De Ambris. O cônsul declarou também que a polícia brasileira estava fazendo todo o possível para expulsar Alceste De Ambris e Rossoni, “que são a alma dos sindicatos que estão se formando, e esta parcialidade evidente contra os grevistas da Santa Marina, tem sobretudo a intenção de desorganizar e matar no início os sindicatos que estão sendo lentamente constituídos”.⁴⁴

Segundo o parecer do cônsul, a polícia agiu corretamente, mas com critérios antiquados: era violenta e agressiva e não fazia distinção entre uma greve e uma revolta. Argumentava, porém, que os grevistas haviam agredido os trabalhadores que queriam voltar ao trabalho.

Permanecendo acampados próximos à fábrica, os grevistas procuraram exercer uma pressão contínua sobre os trabalhadores que entravam e assim foram considerados perigosos pelos proprietários da fábrica, que tomaram a decisão irrevogável de demitir todos os grevistas. Estes, porém, como vimos, continuaram a realizar seu movimento em torno da fábrica.

Apreende-se da carta do cônsul que ele considerava De Ambris o principal líder da greve e que era ele que aconselhava Rossoni a continuar a agitação. Segundo o cônsul, as autoridades brasileiras dificilmente conseguiriam expulsar De Ambris, pois ele teria se prevenido comprando um imóvel no Brasil, mas considerava que a expulsão de Rossoni era inevitável. Sua previsão se concretizaria em breve espaço de tempo.

Finalmente o cônsul pediu que lhe fossem enviadas informações atualizadas sobre De Ambris e Rossoni, de modo estritamente confidencial, visto que as que tinha o cav. Bronner não eram recentes, “não havendo menção às condenações em relação à greve de Parma e a de 5 anos de reclusão por propaganda

⁴⁴ “Il Regio Console in San Paolo al Sua Eccellenza il Ministro degli Affari Esteri”. San Paolo, 21 out. 1909 na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

antimilitarista imposta a Rossoni". Apesar da ausência de documentos oficiais a respeito, o cônsul estava muito bem informado sobre as atividades políticas de De Ambris, Rossoni e outros militantes que se encontravam em São Paulo. Sobre Rossoni sua opinião era a seguinte:

Jovem ambiciosíssimo, de caráter e idéias violentíssimas, também bastante instruído, bom orador, este é certamente um propagandista temível e professa idéias sindicalistas e anarquistas.⁴⁵

A expulsão de Rossoni foi inevitável também porque os diretores da fábrica, Antonio da Silva Prado e Asdrubal do Nascimento, eram também prefeito e vice-prefeito da cidade de São Paulo e estes fizeram prevalecer seus interesses sobre qualquer tentativa em contrário e conseguiram do governo federal a decisão da expulsão. Os meios clericais de São Paulo, liderados por um dos donos da fábrica, Asdrubal do Nascimento, conseguiram também o fechamento da escola mantida pelos operários da fábrica.⁴⁶

Perseguido por ordem do secretário do Interior, Washington Luís, Rossoni foi preso novamente. Tinha se escondido na casa de amigos e acabou sendo capturado na casa de Benjamim Mota:

Vendo que estava cercado, preparou-se com dignidade romântica: vestiu-se bem (como gostava), amarrou a ampla gravata *La Vallière* de artista, azul com pintas douradas, cobriu-se com o chapelão de feltro e, quando lhe deram voz de prisão, saiu olímpico de bengala em punho, para a cadeia e o banimento.⁴⁷

Conduzido até o Rio de Janeiro, foi embarcado no dia 17 de novembro, dizendo que desembarcaria em Boulogne-sur-mer,

⁴⁵ "Rapporto del R. Consolato Generale d'Italia di S. Paolo in data 19-11-1909 diretto al Ministero degli Affari Esteri Roma" na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

⁴⁶ CANDIDO, op. cit., p. 64.

⁴⁷ CANDIDO, op. cit., p. 65. A descrição da prisão de Rossoni foi feita a Antonio Candido por sua amiga Teresina Carini Rocchi.

para depois dirigir-se a Paris. Rossoni levava consigo uma soma de cerca de 800 liras, fruto de uma subscrição feita pelos trabalhadores italianos.

Rossoni retornou realmente, por um breve período, à França, desta vez em Paris, onde foi recebido pelo grupo redator de *La Guerra Sociale*, jornal de Gustave Hervé⁴⁸, onde passou a trabalhar. Mas já no ano seguinte, 1910, partiria para os Estados Unidos, onde atuou como correspondente do jornal *L'Internazionale*, o porta-voz do sindicalismo revolucionário italiano, escrito na cidade de Parma. Rossoni residiu sobretudo na cidade de Nova Iorque, onde colaborou com o jornal *Il Proletario*, atuou na Federação Socialista Italiana dos Estados Unidos⁴⁹ e se destacou mais uma vez pelo seu antimilitarismo “veemente e teatral”.⁵⁰

Rossoni viveu em contato com os imigrantes italianos nas grandes cidades americanas e passou a fazer parte da *Industrial Workers of the World*. A IWW tinha nascido em Chicago em 1905, inspirada no exemplo do sindicalismo francês, apresentando-se como alternativa industrialista ao corporativismo do sindicalismo de ofício da *American Federation of Labor*, a AFL, que organizava os operários qualificados da primeira imigração. A IWW tornou-se um símbolo do sindicalismo revolucionário também para os trabalhadores brasileiros e envolveu também a Europa através dos canais da emigração política, como era o caso de Rossoni. Ela reuniu, no seu interior, posições divergentes de sindicalistas revolucionários, anarquistas e socialistas.

Os princípios da IWW eram os do sindicalismo revolucionário: ideologia sindicalista e objetivos revolucionários de longo prazo. Suas seções industriais deveriam ser os embriões da nova sociedade que se criaria através de uma série de greves

⁴⁸ Hervé foi socialista e militante da Confederação Geral do Trabalho francesa. Em 1907, tinha fundado o jornal *Guerra Sociale*. Em 1912, porém, torna-se um nacionalista ferrenho, aderindo mais tarde ao fascismo francês. Em 1922, após a Marcha sobre Roma, saudou com entusiasmo o “valente companheiro Mussolini”. Breve biografia dele está disponível em fr.wikipedia.org. Acesso em 28 mar. 2008.

⁴⁹ CORDOVA, F. Edmondo Rossoni. In: *Uomini e volti del fascismo*. Roma: Bulzoni Editori, 1980, p. 351.

⁵⁰ ANDREUCCI, F. e DETTI, T. *Il movimento operaio italiano – Dizionario biografico (1853-1943)*. Roma: Editori Riuniti, 1979, vol. IV, p. 417-419.

que levariam a uma greve geral que obrigaria os capitalistas a se renderem. Assim, o sindicato era ao mesmo tempo o instrumento para realizar a revolução. Viveu até 1924 e esteve bem longe de realizar os seus objetivos. Guiou greves de imigrantes pobres, camponeses, lenhadores, mineiros. Suas lutas alcançaram grande popularidade e os sentimentos de simpatia dos setores mais oprimidos da classe operária americana, embora nunca tenha envolvido mais do que 5% dos filiados em sindicatos, mas foi temida como uma conspiração de estrangeiros, anarquistas e comunistas. No período de 1917-1918 cerca de cem *wobblies* foram condenados por subversão a 20 anos de prisão.⁵¹

No verão de 1910, pouco depois de sua chegada nos Estados Unidos, Rossoni envolveu-se numa greve promovida por costureiras de Nova Iorque, a fim de obter melhores condições de trabalho e aumento salarial. Foi a partir dessa greve que Rossoni passou a ter uma grande popularidade entre os trabalhadores italianos nos Estados Unidos.

No congresso da Federação Socialista Italiana, realizado no ano seguinte, Rossoni deixou clara, mais uma vez, a sua confiança incondicional no sindicalismo revolucionário:

(...)O sindicalismo é a verdadeira expressão do socialismo enquanto vive da vida do proletariado e pelo próprio proletariado. Ele é a representação da elite operária, que não pede, que não mendiga nada, mas consciente da sua própria força e do seu próprio futuro, persistirá na luta — que é tudo para ela e na qual ela tem tudo a ganhar e nada a perder — até o triunfo.⁵²

Naqueles anos, tanto a Federação Socialista Italiana como a IWW, os dois grupos nos quais Rossoni participava, se inspiraram nas táticas e nos meios do sindicalismo revolucionário.

No dia 11 de junho de 1911, Rossoni fez um discurso inflamado contra o patriotismo burguês que terminou com uma

⁵¹ RENSHAW, P. *Il sindacalismo rivoluzionario negli Stati Uniti*. Bari: Laterza, 1970. Nos anos 1920, membros da IWW passarão tanto para as fileiras do Partido Comunista como para a extrema direita.

⁵² III Congresso Nazionale della Federazione Socialista Italiana. *Il Proletario*, 14 abr.1911, apud CORDOVA. F. 1980, op. cit., p. 360.

cuspidada na bandeira italiana e na coroa que alguns conterrâneos seus tinham posto aos pés do monumento a Garibaldi!⁵³ Alguns anos mais tarde, ele defenderia o nacionalismo com a mesma veemência e a mesma teatralidade.

Em 1912, numa carta do Consulado Geral da Itália em Nova Iorque ao Ministério do Interior em Roma afirmava-se que Rossoni desenvolvia ali uma atividade de propaganda muito intensa, fazendo conferências sobre os mais diferentes temas em Nova Iorque, Filadélfia e outros locais e que publicava “artigos violentos” de propaganda no jornal *Il Proletario* de Nova Iorque. Naquele período, particularmente, Rossoni vinha se destacando pelo seu grande envolvimento em uma campanha em Massachusetts e Nova Iorque para incitar “greves, desordens e rebeliões”.⁵⁴ Foi nesse ano, 1912, que houve a grande greve dos tecelões de Lawrence. De lá, Rossoni mandava informações aos companheiros italianos, sublinhando que os métodos do sindicalismo revolucionário estavam começando a ser praticados em todo o mundo.⁵⁵ A vitória dos grevistas foi depois interpretada como uma prova da validade desses métodos. Foi o momento de maior sucesso da IWW antes da guerra, quando se conseguiu um aumento salarial para 30.000 operários.⁵⁶

Nesse clima, as relações entre italianos e americanos se intensificaram, pois a presença de numerosos emigrados na IWW, entre os quais Rossoni era o caso típico, facilitava a troca de experiências de ambos os lados. O êxodo das crianças de Lawrence, enviadas para a casa de trabalhadores simpatizantes em outras cidades, foi inspirada na experiência de Parma.⁵⁷ As crianças de Lawrence foram acolhidas em Nova Iorque por uma multidão de 5.000 pessoas.⁵⁸

⁵³ ANDREUCCI e DETTI, op. cit., p. 417-419.

⁵⁴ “Consolato Generale d’Italia al Ministero dell’Interno. New York, 24-06-1912” na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

⁵⁵ ROSSONI, E. Lo sciopero dei tessitori di Lawrence. *L’Internazionale*, 23 mar. 1912.

⁵⁶ RENSHAW, op.cit., p. 95.

⁵⁷ ANTONIOLI, op. cit., p. 140.

⁵⁸ RENSHAW, op. cit., p.130.

A situação política da Itália era seguida com bastante atenção pelo grupo redator do jornal *Il Proletario*. Essa atenção tinha se tornado particularmente sensível durante a Guerra da Líbia⁵⁹, o que aconteceu também entre os trabalhadores italianos no Brasil, onde foram realizadas várias subscrições em favor das famílias dos mortos e feridos nessa guerra. Foi nesse período que Alceste De Ambris voltou para a Itália.

Em janeiro de 1913, Rossoni foi chamado de volta à Itália pelos seus companheiros sindicalistas revolucionários que tinham fundado a *Unione Sindacale Italiana (USI)* no ano anterior, em oposição ao reformismo da *Confederazione Generale del Lavoro*, a *CGdL*. Logo ele foi nomeado secretário do sindicato da construção civil da província de Modena, participando ativamente de várias greves. Em fevereiro daquele ano, um comício no qual Rossoni falava em Milão foi dissolvido pela polícia. Naquela noite ele foi preso junto com um amigo, Nicola Vecchi, sindicalista que, para fugir a uma condenação, também tinha se refugiado em Nova Iorque, mas logo ambos foram libertados. No dia seguinte, segundo a polícia, Rossoni, Vecchi e um outro militante sindicalista Pulvio Zocchi partiram para a Suíça, onde encontraram De Ambris, que ali tinha se exilado também.⁶⁰ Em agosto daquele ano, já de volta à Itália, durante uma greve de ferroviários em Milão, Rossoni foi preso sob a acusação de incitar o ódio entre as classes sociais. Quando obteve a liberdade provisória, aproveitou para escapar de novo. Foi para Londres participar do Congresso sindicalista internacional como representante da *Camera del Lavoro* de Parma e de Bolonha e dali retornou aos Estados Unidos. Esses episódios dão uma idéia da intensidade da mobilidade geográfica desses militantes e de sua facilidade para inserir-se nos movimentos sindicais dos países de acolhida, sobretudo em meio às comunidades de italianos emigrados.

Em 1914, de Nova Iorque, tendo recebido a notícia da constituição da *Unione Italiana de Lavoro (UIL)*, defensora da entrada da Itália na Primeira Guerra, ele enviou imediatamente

⁵⁹ CORDOVA, op. cit., p. 366.

⁶⁰ "Prefettura di Milano al Ministero dell'Interno. Milano, 13-02-1913" na pasta de Rossoni (4466) Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

uma mensagem de adesão. Seu programa afirmava que a UIL reunia sindicatos operários que pretendessem desenvolver sua ação independentemente de qualquer partido político e que tinha como objetivo a luta contra o capitalismo e a transferência gradual para a classe trabalhadora organizada da gestão da produção e da distribuição da riqueza. Defendia-se também que a UIL, mesmo desenvolvendo sua ação em harmonia com o princípio de solidariedade internacional, consideraria sempre as condições gerais do desenvolvimento e da liberdade da Itália, que a classe operária não devia renegar, mas conquistar, renovando radicalmente as suas instituições. O jornal da união foi chamado *Italia Nostra* e seu mote era “A Pátria não se nega, se conquista”.⁶¹ Edmondo Rossoni tornou-se, mais tarde, o secretário da nova organização. Embora mantendo princípios rigidamente classistas, a UIL estava fortemente permeada pelo sentimento nacional e pela idéia de pátria.

Foi também nesse período que Rossoni abandonou a colaboração com o periódico *Il Proletario* e iniciou a publicação de um semanário intervencionista chamado *L' Italia Nostra*. Os títulos das publicações são significativos e reveladores de uma passagem. Era o começo de uma transformação, que o levaria muito longe.

Em maio de 1916, atendendo à convocação do exército italiano, e também para participar da campanha para que a Itália declarasse guerra ao Império Austríaco e à Alemanha, Rossoni deixou os Estados Unidos e, depois de um breve período em Londres e de freqüentar assiduamente em Paris o novo jornal de Hervé, *La Victoire*, voltou para Milão ao *Fascio d'azione interventista* da cidade, organização criada pelos sindicalistas revolucionários. Na propaganda pela entrada na guerra, atuou ao lado de anarquistas, sindicalistas revolucionários como De Ambris, e da ala intervencionista do Partido Socialista Italiano, liderada por Mussolini, de quem se tornaria amigo fiel.

Como poderíamos explicar essa mudança de rota na vida militante de Rossoni? Na escolha pelo intervencionismo, na verdade, ele foi acompanhado por muitos socialistas, sindicalistas revolucionários e mesmo anarquistas, enquanto liberais e parte dos socialistas permaneceram contrários ao ingresso da Itália na

⁶¹ FURIOZZI, op. cit., p. 69.

guerra. Mas para o historiador americano John Tingham havia já um elemento novo nas idéias de Rossoni: foi a experiência americana de Rossoni, ou seja, os cinco anos e meio que ele viveu nos Estados Unidos atuando como propagandista, organizador e jornalista da Federação Socialista Italiana, atuando em harmonia com o sindicalismo revolucionário da IWW, em diversos locais do país, que alterou a sua fé na solidariedade proletária internacional. Após observar o desprezo com que eram tratados os italianos tanto pelos capitalistas como pelos outros trabalhadores, Rossoni teria passado a rejeitar o internacionalismo e se tornado um nacionalista.⁶² Esse nacionalismo, podemos dizer, foi um dos elementos essenciais que levou Rossoni a aderir ao fascismo no início dos anos 1920.

Quando a Itália entrou na guerra, Rossoni voltou para prestar o serviço militar. Seu nacionalismo, porém, como observa Tingham, não aceitava o Estado liberal: se a classe operária italiana deveria ser convencida da necessidade do amor à pátria, isso teria sido possível somente através de uma mudança radical da ordem existente. Permanecendo fiel a pelo menos um princípio do sindicalismo revolucionário, Rossoni continuou na sua oposição a qualquer envolvimento na política. Ele acreditava que a revolução teria eclodido somente através da luta econômica. Desde seu retorno à Itália começou a propaganda na Unione Sindacale Milanese e na Unione Italiana del Lavoro, ambas dominadas por sindicalistas revolucionários.

Quando Mussolini se aproximou dele, em agosto de 1918, vendo a possibilidade de atraí-lo para movimento fascista, Rossoni recusou qualquer tipo de apoio. Embora Rossoni e Mussolini compartilhassem um nacionalismo radical desde 1918, suas concepções individuais do melhor modo de mudar a ordem econômica, política e social da Itália eram diferentes. Mussolini tentou o caminho parlamentar para obter o poder político, enquanto Rossoni ainda acreditava num movimento operário militante e ativo.

Mussolini nunca tinha sido sindicalista revolucionário. A partir da greve de 1904, ele tinha manifestado simpatias pelo

⁶² TINGHINO, J. J. *Edmondo Rossoni: from revolutionary syndicalism to fascism*. New York: Lang, 1991, p. 2.

sindicalismo revolucionário, colaborando da Suíça, com o jornal *Avanguardia Socialista*, no qual defendeu a necessidade do uso da violência e a utilidade da integração nos sindicatos operários, definidos como os núcleos da futura sociedade socialista.⁶³ Mas, com o passar do tempo, Mussolini foi se afastando do sindicalismo revolucionário até que, em 1914, se declarou cético sobre a capacidade revolucionária das organizações econômicas e criticou a idéia sindicalista revolucionária da inutilidade do Partido Socialista, argumentando que o sindicato deveria se ocupar somente de questões econômicas, deixando ao partido as tarefas políticas.⁶⁴ Renzo De Felice considera que Mussolini nunca foi um sindicalista revolucionário, no sentido político-organizativo do termo, nem mesmo quando o movimento viveu seus anos de maior sucesso. Apesar disso, o autor argumenta que foi na doutrina e na prática do sindicalismo revolucionário que Mussolini encontrou as bases da sua concepção política, antes e depois de sua fase socialista.⁶⁵

Depois do serviço militar, Rossoni ajudou a reconstituir a UIL, da qual se tornou secretário e fez conferências de propaganda. Continuou sendo um líder sindical destacado dentro dessa federação operária, em um cenário onde, porém, predominavam a CGdL⁶⁶, reformista, e a USI, que, com a saída dos sindicalistas revolucionários, tinha se tornado anarquista.

Em 1918, um telegrama do Chefe de Polícia de Milão ao Ministério do Interior relatou o projeto de Rossoni de realizar uma unificação sindical na cidade, que, avaliava o chefe de polícia, tinha por objetivo eliminar o Partido Socialista e a Confederação Geral do Trabalho, a CGdL, ou pelo menos de eliminar, em toda a Itália, a influência dessas organizações. Para ele, esses objetivos tornavam o projeto de Rossoni irrealizável. Ele garantia que Rossoni “é amigo

⁶³ MUSSOLINI, B. *Opera omnia*. Firenze, 1951-1963, I, p. 71, apud FURIOZZI, op. cit., p. 106.

⁶⁴ Idem, p. 107.

⁶⁵ FELICE, R. *Mussolini il rivoluzionario (1883-1920)*. Turim: Einaudi, 1995, p. 40-41.

⁶⁶ A Confederazione Generale del Lavoro (CGdL) tinha nascido em 1905, firmando a hegemonia reformista no movimento operário italiano.

⁶⁷ “R. Prefettura di Milano al Ministero dell’Interno. 28-12-1918” na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

sincero de Mussolini e dos mais famosos intervencionistas”.⁶⁷ Isso teria ficado claro em uma carta endereçada a Rossoni dos Estados Unidos, onde a militante Angiolina Algeria tentava convencê-lo a retornar às suas antigas teorias revolucionárias:

(...) Se fomos obrigados a fazer um armistício com a burguesia para a guerra e durante a guerra não é por isso que devemos sacrificar a revolução do pós-guerra — e prometemos também que após a guerra teríamos voltado a ser grandes inimigos, prontos ao assalto na primeira oportunidade — e tínhamos uma fé cega na sua capacidade, na sua inteligência, na sua fé ardente. E agora? Responda francamente se devemos continuar a amar você e a ter esperança junto com você ou se temos que empunhar as armas sem você.⁶⁸

Apelava finalmente a Rossoni implorando: “Fique conosco, com a classe proletária, pela ação direta, você que quando quer, sabe fazer milagres”.⁶⁹

Mas, apesar da indignação que isso provocou em diversos de seus ex-companheiros de luta, Rossoni aderiu realmente ao fascismo, participando até mesmo de suas ações violentas na tomada de cidades como Gênova e Massa. Os *fasci* tinham se formado em março de 1919 e Mussolini tinha feito um apelo aos socialistas reformistas para que juntos formassem um novo partido, um “Partido do Trabalho”. À recusa deles os fascistas reagiram com o incêndio da sede milanesa do principal jornal dos socialistas italianos, o *Avanti!*, a primeira ação esquadrista.

Em junho de 1919, iniciou-se uma grande onda de greves em toda a Itália, acompanhadas de tumultos e saques que continuaram até o ano seguinte. Esse período ficou conhecido na Itália com o nome de biênio vermelho. Em agosto de 1919, na sede central da FIAT, em Turim, nasceu o primeiro conselho de fábrica,

⁶⁷ “R. Prefettura di Milano al Ministero dell’Interno. 28-12-1918” na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

⁶⁸ Carta de Angiolina Algeri a Edmondo Rossoni, 30-10-1918. na pasta de Rossoni (4466), Casellario Politico Centrale, Direzione Generale di Pubblica Sicurezza, Ministero Degli Interni, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

⁶⁹ Idem.

com 42 comissários, eleitos um por seção. Nas eleições de novembro daquele ano, socialistas e populares (católicos) se afirmaram, enquanto os fascistas não conseguiram eleger nenhum deputado. Em fevereiro de 1920, intensificaram-se as agitações operárias por questões de salário, horário e condições de trabalho. Em maio, os fascistas reunidos em Milão organizaram um programa de ataques às sedes socialistas e sindicais, que reuniam seus fortes opositores. Em agosto, as ações se multiplicaram atingindo as *Camere del Lavoro* (Câmaras do Trabalho), cooperativas, ligas e sedes socialistas. Diante da dimensão e da força das agitações operárias que vinham ocorrendo desde o ano anterior, as autoridades militares e policiais italianas apoiaram os esquadristas fascistas e os armaram, dando a eles uma impunidade completa. Industriais e grandes agricultores os financiaram. Os conflitos entre fascistas e socialistas foram se acentuando ainda mais. Em janeiro de 1921, nasceu o Partido Comunista da Itália e a ação fascista se tornou ainda mais feroz: no primeiro semestre daquele ano foram destruídos nada menos do que 119 *camere del lavoro*, 83 ligas camponesas, 107 cooperativas, 17 sedes de jornais, 141 seções socialistas e comunistas, 28 centrais sindicais, além de Casas do Povo, círculos culturais e recreativos operários, bibliotecas, teatros populares e sociedades de socorro mútuo.⁷⁰ A intenção era, portanto, destruir os inimigos de esquerda e varrer qualquer tipo de oposição dentro do mundo operário.

Por outro lado, o programa fascista de 1921 incorporava antigas reivindicações operárias: a parte relativa às corporações falava de garantia de um horário máximo de oito horas, de leis sociais em relação aos acidentes, invalidez e velhice dos trabalhadores, tanto industriais como agrícolas, representação dos trabalhadores nas indústrias, gestão de indústrias e serviços públicos para as organizações sindicais e difusão da pequena propriedade onde fosse possível. Durante muito tempo, Mussolini, como, aliás, também Hitler, continuaria a insistir demagógicamente no caráter proletário⁷¹ do seu partido e da “revolução” que ele tinha realizado na Itália.

⁷⁰ CAVAGNARO, R. (Org.). *La marcia su Roma (1911-1922)*. Roma: Avvenimenti, 1994, p.7.

⁷¹ Os discursos de Mussolini começavam sempre com uma saudação à “Itália proletária e fascista”.

Nas eleições de maio de 1921, os fascistas conseguiram eleger 34 deputados, apresentando-se junto dos liberais. Os liberais tinham a ilusão de poder neutralizar os fascistas inserindo-os no sistema parlamentar. Mussolini, por outro lado, tentou várias vezes realizar um pacto de paz com os socialistas, mas foi impedido pelos fascistas extremistas.

Foi em maio de 1921, nesse contexto que descrevemos acima, que Rossoni, convidado por Italo Balbo, liderança do fascismo extremista, transferiu-se de Roma para Ferrara, para dirigir ali uma organização sindical fascista, onde se deparou com a desconfiança dos trabalhadores do local. Iniciava-se assim o fascismo rossoniano: em 1922, ele foi nomeado secretário geral da Confederação dos Sindicatos Fascistas, com sede em Bolonha. Rossoni organizou o sindicalismo fascista, dando ao regime alguma base, que ele não tinha, no setor operário, alargada pelo uso da força. Com sua experiência sindical, ele contribuiu, como vimos, para definir o corporativismo que se organizou a partir dessa Confederação e que se expressou através da famosa *Carta del Lavoro*. Outros teóricos e dirigentes de prestígio também subiram no trem do fascismo: Panunzio, Orano, Olivetti, Bianchi, Rossi, Dinale, Mantica, Ciardi, Rocca, Amilcare De Ambris (irmão de Alceste), Masotti, Tonelli e outros serviram ao movimento e ao regime fascista com fidelidade, mesmo quando não restasse mais nada que fizesse lembrar os objetivos do sindicalismo revolucionário.⁷²

No duro período pós-Primeira Guerra, tornava-se sempre mais evidente que a UIL, que, como vimos, Rossoni tinha ajudado a fundar, nunca teria conseguido ter grande influência no mundo do trabalho. Rossoni, que passou então a tentar conseguir objetivos inovadores através da construção de sindicatos “nacionais” na região da Emilia-Romanha, reconhecia que os fascistas eram capazes de oferecer-lhe a chance de obter o poder político necessário para implementar seus próprios projetos para a reestruturação das relações de trabalho na Itália. Foi nesse contexto que Rossoni abandonou sua lealdade ao princípio do abstencionismo político para se tornar um organizador para os fascistas. John Tinghino considera que Rossoni procurou utilizar

⁷² STERNHELL, 1989, op. cit., p. 192.

a “revolução fascista” como um meio para levar seus objetivos adiante. Rossoni, para esse autor, continuava convencido da incapacidade das elites italianas tradicionais de liderar a Itália através das dificuldades do pós-guerra. Uma nova liderança teve de ser desenvolvida dentro da Confederação Nacional dos Sindicatos Fascistas, confederação da qual ele foi o maior artífice. Como secretário geral, ele pretendia controlar toda a classe operária italiana.⁷³

Entre 1922 e 1925, o sindicalismo fascista provocou a diminuição dos salários e piorou as condições gerais de trabalho no campo e nas fábricas. Essa situação era complicada ainda mais pela inflação e em 1923 eclodiram várias greves.⁷⁴

Com o pacto feito entre a Confederação Geral da Indústria Italiana e a Confederação das Corporações Fascistas, esta representada por Rossoni e Bramante Cucini, em 2 de outubro de 1925, foi instituído o sistema corporativo e a presença fascista no mundo do trabalho.⁷⁵ Mas foi um decreto de 1926 que deu reconhecimento jurídico aos sindicatos fascistas, disciplinando os conflitos de trabalho, suprimindo o direito de greve e instituindo a Justiça do Trabalho e as corporações passaram a ser entendidas como órgãos da administração do Estado, com o objetivo de ligar as organizações sindicais nacionais.

Em 21 de abril de 1927 foi promulgada a *Carta del Lavoro*, com a qual o regime buscava obter o apoio dos trabalhadores. Em teoria, a *Carta del Lavoro* (que foi, na verdade uma simples declaração de princípios) atribuiu às corporações uma função que ultrapassava o campo propriamente sindical e, mesmo que, de modo muito vago, dava a elas um papel no campo da produção.⁷⁶

Mas podemos dizer que as enunciações genéricas contidas na *Carta del lavoro*, documento aprovado com grande solenidade em 1927, no qual se falava, entre outras coisas, de igualdade jurídica entre empresários e prestadores de serviço e de solidariedade entre os vários setores da produção, não foram suficientes para compensar os trabalhadores pela perda de

⁷³ TINGHINO, op. cit., p. 3.

⁷⁴ CORDOVA, op. cit., p. 384.

⁷⁵ BONIFAZI, A. e SALVARANI, G. *Dalla parte dei lavoratori – Storia del movimento sindacale italiano* Milano: Franco Angeli, 1976, p. 141.

⁷⁶ CANDELORO, G. *Storia dell'Italia Moderna*. Milano: Feltrineli, 1981.

qualquer autonomia organizativa e capacidade de negociação. As melhorias no campo previdenciário e no do lazer e recreação, organizados pela *Opera Nazionale Dopolavoro* não bastavam para compensar a diminuição real dos salários. Os maiores sucessos em termos de participação e de consenso, o regime obteve, na verdade, em meio às pequena e média burguesias, favorecidas pelas escolhas econômicas do fascismo.

A idéia corporativa deveria significar a gestão direta da economia por parte das categorias produtivas, organizadas em corporações divididas por setores de atividade e englobando tanto os empresários como os trabalhadores. Este sistema nunca foi realmente implantado. Por muitos anos, as corporações continuaram sendo só um projeto.

Na prática, o sistema criado pela lei de 1926, da qual o principal artífice foi Alfredo Rocco, significou a supressão de toda forma de liberdade sindical⁷⁷ e o aprisionamento dos conflitos sociais em uma disciplina imposta pelo Estado, que satisfazia muito mais os interesses dos empresários do que os dos trabalhadores. As reduções salariais foram possíveis graças à vigilância policial aliada à prática sindical derivada da lei de 1926, não obstante algumas tentativas esporádicas de resistência. O debate sobre o corporativismo continuou intenso durante vários anos.

A Confederação foi dissolvida no fim de 1928, quando houve uma tentativa de criar uma espécie de dissidência sindical no interior do regime. Foi uma tentativa de substituir os comissários de fábrica por outros que auxiliassem os trabalhadores nos conflitos com os industriais, mas nem mesmo esses sindicalistas domesticados foram aceitos pelos industriais, que viram nessa tentativa “uma manifestação de espírito classista”.⁷⁸ Esta foi a última tentativa realizada pelos organizadores sindicais fascistas, sobretudo aqueles que, como Rossoni, provinham do sindicalismo pré-fascista, de assegurar alguma forma de tutela dos trabalhadores. Rossoni e outros líderes sindicais foram derrotados. A partir daí, a organização sindical fascista foi marcada sobretudo por seu caráter autoritário e burocrático.

⁷⁷ Em fevereiro de 1927, a CGdL tinha se reconstituído, mas na França, pelos sindicalistas lá exilados.

⁷⁸ BONIFAZI e SALVARANI, op. cit., p.146.

Para Alberto Aquarone, um dos primeiros estudiosos do sindicalismo fascista, a confederação de Rossoni tinha sido para muitos trabalhadores o único instrumento que podia exercer ainda a função de manter vivos o sentimento da solidariedade da classe operária e o princípio da unidade do proletariado. Para ele, foi só no momento dessa derrota, no fim de 1928, que podemos identificar a virada política de Rossoni, sua entrada na elite fascista.⁷⁹ Essa foi também uma concessão à classe patronal e uma derrota para o movimento sindical dos trabalhadores.⁸⁰ O Partido fascista viu na confederação de Rossoni a sobrevivência de expressões de uma parcialidade classista, um obstáculo a eliminar para afirmar uma concepção do corporativismo como uma superação total do sindicalismo.⁸¹

Mas foi só a lei de 5 de fevereiro de 1934 que instituiu finalmente as corporações. O conjunto dos conselheiros de todas as corporações era imponente: 1.000 membros, dos quais 500 permanentes e 500 temporários que, juntos, constituíam a Assembléia Geral do Conselho Nacional das Corporações. As corporações eram 22, determinadas de acordo com o ciclo produtivo: seis ligadas à atividade agrícola, dez para a indústria e o comércio, seis para o setor de serviços e deveriam atuar na organização da produção, na formação de tarifas e preços e na conciliação dos conflitos de trabalho. As corporações foram conselhos nos quais as organizações fascistas patronais e dos trabalhadores tiveram paridade de representação, porque foi

⁷⁹ Para o que nos interessa propriamente para esse artigo, a história pessoal de Rossoni poderia terminar aqui. Outras informações biográficas encontram-se em Edilene Toledo, op.cit. Acrescento aqui apenas o final da história: em maio de 1945, Rossoni foi condenado, na Itália, à prisão perpétua por ter colaborado para a supressão das liberdades públicas e fugiu indo para o Canadá. Certamente não teve coragem de enfrentar ambientes mais conhecidos como o Brasil ou os Estados Unidos. Após a anulação da sentença, em 1947, Rossoni voltou para a Itália e manteve-se retirado da vida pública até a sua morte, ocorrida em Roma em oito de junho de 1965, aos 80 anos.

⁸⁰ AQUARONE, A. La politica sindacale del fascismo. *Il Nuovo Osservatore*. 1965, p. 246, apud RAPONE, L. Il sindacalismo fascista: temi e problemi della ricerca storica. *Storia Contemporanea*, out. 1982, p. 649.

⁸¹ RAPONE, op. cit., p. 674.

recusada a proposta dos sindicatos de trabalhadores de se haver uma representação proporcional. A imprensa do regime fez uma grande exaltação dessas corporações, mas, na prática, estas se limitaram a discutir muitos problemas e a aprovar deliberações já tomadas pelos órgãos de governo. Dessa espécie de teatro das corporações, Rossoni também participou ativamente. De 1932 a 1935, Rossoni ocupou o cargo de subsecretário da presidência do Conselho.

O historiador italiano Giulio Sapelli argumenta que falar de sindicato fascista pode parecer uma contradição, visto que o fascismo foi uma ditadura capitalista baseada justamente na destruição das organizações históricas do movimento operário. A dominação, além do terror, passava também pela neutralização e paralisação da ação das classes subalternas. Então falar de sindicato fascista é discorrer também sobre o sistema de dominação fascista. Em sua opinião os sindicatos fascistas quando surgiram, nos anos 1920 desenvolveram uma ação antioperária, fazendo alianças com as frentes industriais e rompendo com as organizações operárias que existiam. Depois de 1926, o papel teria sido o de dispersar as tensões sociais, ou seja, de fazer com que o conflito social não se acumulasse, não explodisse. Havia algumas negociações, mas sem o direito de greve.

Sapelli considera, portanto, que uma certa forma de representação institucional continuava a existir, embora não fosse uma representação classista. Este autor considera também que nas pequenas e médias empresas o sindicato fascista teve uma função unicamente repressiva. Já nas grandes empresas, como a FIAT, por exemplo, criou-se uma rede de trabalhadores inscritos nos sindicatos fascistas, contra a vontade dos próprios industriais, que tinham a função de recolher as reivindicações e levá-las à mesa de negociações. Quando eclodiam greves, houve casos em que os dirigentes também aderiram e nesse caso foram também reprimidos e transferidos. Ele considera, portanto, que o sindicato fascista tinha uma função social, porque, embora tivesse uma função repressiva, não se comportasse como um sindicato de classe e proibisse a greve, ele era ainda uma instituição que mantinha viva e evidente a separação entre as classes. Apesar de tudo, a ditadura não podia esconder que, de um lado, estava a Confederação dos Industriais e, do outro, a Confederação dos Sindicatos, embora a ideologia do corporativismo fascista quisesse fazer crer que ambos estavam em pé de igualdade.

Resumindo podemos dizer que para Sapelli há uma continuidade histórico-institucional da representação, ou seja, a tradição subversiva do movimento operário italiano era tão forte que nem mesmo o fascismo conseguiu destruí-la. Para ele permaneciam os ideais e uma memória histórica tão forte que continuou a reproduzir-se mesmo durante o fascismo. A burocracia sindical fascista tinha o papel específico de impedir o nascimento e o crescimento de todas as formas de conflito social. Isso freqüentemente a punha em conflito com outros setores da burocracia, como o próprio Partido Nacional Fascista, que pretendia resolver os problemas operários unicamente do ponto de vista repressivo. O conflito com os industriais se dava porque, se ambos concordavam na eliminação do conflito de classe, o interesse dos industriais era obter lucro e a continuidade da produção, enquanto o fascismo queria manter a sua fachada de um regime que tinha uma política social.

Mas quem eram os sindicalistas fascistas? Segundo Sapelli, os dirigentes eram nomeados do alto, era uma carreira e os salários eram altos. Havia também, porém, uma outra categoria, que tinha raízes no sindicalismo revolucionário. Mussolini tinha lançado demagogicamente a idéia do corporativismo como gestão do Estado pelos produtores. Estes que vinham de um sindicalismo pré-fascista embarcaram e o regime se aproveitou desses homens que sabiam falar com as bases.

A crise de 1929 favoreceu o regime porque os trabalhadores foram postos diante de uma falta de alternativa dramática e a miséria generalizada levava a recorrer ao *dopolavoro* fascista, ao sindicalismo fascista, que, bem ou mal, garantia alguma coisa: presentes para as crianças, carvão durante o inverno. A partir daí os homens do sindicalismo revolucionário foram sendo eliminados e substituídos pelos dirigentes profissionais do fascismo. Para Sapelli, o sindicalismo ainda tinha um papel, mas ao mesmo tempo seus espaços de ação foram diminuindo. Sapelli considera, portanto, que o estudo do sindicato fascista só pode ser feito no interior do estudo da política do trabalho durante o regime, porque ele era o centro do controle social sobre as massas operárias. Seu papel era o de neutralizar politicamente a classe operária. O autor conclui que, apesar da estrutura repressiva, apesar do sindicato fascista, há uma tradição subversiva que continuava e que explica porque a Itália foi o único país oprimido por uma ditadura a fazer greves ao longo da guerra, em um período em que fazer greves

significava não só ser demitido, mas ser mandado para a Alemanha.⁸²

Outro historiador italiano, Alberto De Bernardi, argumenta que os fascismos foram regimes originais, diferentes dos tradicionais sistemas políticos reacionários. Para ele, o fascismo foi uma resposta à crise do Estado liberal, incapaz de responder às reivindicações crescentes de inclusão social vindas do proletariado e dos setores subalternos, embora tenha sido uma resposta enganosa e antidemocrática.⁸³ Para ele, portanto, os sindicatos durante o fascismo não podiam ser interpretados somente como construções artificiais, que respondiam somente à vontade repressiva do regime. Para ele, na Itália, mesmo com as leis de 1925-1926 e com a de 1934, os sindicatos continuaram sendo organizações autônomas, embora incorporadas ao sistema corporativo, dotadas de funções próprias de contratação, de controle e de participação, não havendo no fascismo italiano organizações de operários e empresários totalmente controladas pelo Estado como na Alemanha nazista e na Espanha franquista. Isso, porém, não nega a destruição violenta do sindicalismo de classe e que o sindicato fazia parte do aparato repressivo do fascismo. Esse autor incorpora a idéia de Sternhell, que vimos anteriormente, segundo o qual o fascismo é uma experiência complexa na qual confluem fermentos ideológicos de direita e de esquerda, que se encontram no corporativismo.⁸⁴ Entretanto, o caminho que fizeram aqueles homens que foram parar no sindicalismo fascista, ou seja, que transitaram do sindicalismo revolucionário ao sindicalismo nacional, foi o mesmo percurso político-cultural que fizeram muitos daqueles que depois seguiram o caminho da oposição ao fascismo. De Bernardi conclui que o sistema corporativo, a tentativa de combinar representação e

⁸² SAPELLI, G. Il sindacalismo fascista. In *Storia del sindacato dalle origini al corporativismo fascista*. Venezia, Marsilio, 1982, p. 181-191. Ver também: SAPELLI, G. La classe operaia durante il fascismo: problemi e indicazioni di ricerca. In: *La classe operaia durante il fascismo. Annali della Fondazione Giangiacomo Feltrinelli*, XX-1979-80, p. 9-118.

⁸³ DE BERNARDI, A. Il sindacalismo fascista: un problema storiografico aperto. In: ANTONIOLI, M. E GANAPINI, L. (Orgs.) *I sindacati occidentali dall'800 ad oggi in una prospettiva storica comparata*. Pisa: Biblioteca Franco Serantini, 1995, p. 117-124.

⁸⁴ STERNHELL, 1983, op. cit., passim.

colaboração de classe em uma sociedade onde os poderes reais entre as classes eram por natureza desiguais, nunca funcionou e que isso teria sido provado pela explosão do conflito durante a guerra.⁸⁵

Enfim, esses são estudos italianos que procuraram entender como as organizações fascistas procuraram também seduzir, além de ameaçar, e que entraram no longo debate sobre o “consenso” tentando escapar ao psicologismo e procurando entender as reações aos problemas postos pela materialidade da vida quotidiana e pelo envolvimento na vida programada pelo poder, enfim uma história que, mais do que uma história só do fascismo, procura ser uma história da Itália durante o fascismo.⁸⁶

Renzo De Felice sublinhou a realidade politicamente subordinada do sindicalismo em relação às outras componentes do movimento fascista e a sua incapacidade para influenciar, de maneira determinante, a política do fascismo. As veleidades sociais do sindicalismo e os projetos de reforma sindical das instituições segundo o critério da representação dos produtores permaneceram declarações de princípios: a componente sindical encontrou sérias dificuldades para legitimar um papel específico dentro do projeto fascista de conquista e reorganização do poder.⁸⁷ Enfim, Mussolini promoveu a fundação das corporações mais porque a independência das organizações já existentes não lhe agradava do que porque a questão lhe suscitasse algum entusiasmo. Era também a idéia de encontrar alguma relação com as classes trabalhadoras. A aproximação entre dois pólos, o partido fascista e o sindicalismo fascista, teria sido, para ambos, uma aproximação tática e instrumental. Mas Mussolini estabeleceu o limite além do qual o sindicalismo fascista não podia ir. O projeto político do sindicalismo fascista foi derrotado em 1928-1929. A introdução do monopólio sindical e a proibição dos sindicatos livres foi um aspecto fundamental. A entrada dos trabalhadores urbanos nos sindicatos fascistas foi, pelo menos até 1930, relativamente limitada, o que demonstra o sentimento latente de desconfiança e de hostilidade. Foi o tempo e a falta de alternativa que os tornou o único canal legal através do qual podiam se expressar as tensões

⁸⁵ DE BERNARDI, op. cit., p. 124.

⁸⁶ Sobre essa questão RAPONE, op. cit., p. 635-696.

⁸⁷ DE FELICE, op. cit., p. 253.

que se acumulavam no seio da sociedade e constituíram então uma válvula de escape em um regime que queria regular suas relações com as massas de maneiras diferentes e complementares à coerção pura.⁸⁸

É difícil falar de adesão dos trabalhadores ao fascismo e de consenso⁸⁹ em um regime que nunca pôde prescindir do uso institucional da força. A realidade fascista estava muito longe do mundo cultural e moral do sindicalismo revolucionário.⁹⁰

Mas mesmo assim, vários historiadores como P. Renshaw argumentam que não é por acaso que nos primeiros tempos se podia encontrar revolucionários sinceros entre os fascistas italianos. Para ele, a idéia sindicalista, segundo a qual os operários podiam governar o país, tomando conta das indústrias e eliminando as instituições políticas parlamentares não era muito diferente da teoria fascista do Estado Corporativo.⁹¹ Mas a prática se revelou diferente da teoria e uns se deram conta e saltaram do barco em direção ao exílio e outros, como Rossoni, resolveram ficar.

⁸⁸ RAPONE, op. cit., p. 670.

⁸⁹ Alguns autores consideram que é possível falar de certo consenso em relação ao fascismo na primeira metade dos anos 1930, embora mesmo nesse período esse consenso fosse variável de acordo com as classes sociais e nunca capaz de estabelecer raízes profundas. Esse consenso seria alimentado em parte por oportunismo, mas também pelo medo do pior, pelo cansaço e resignação, pela impressão que não existissem alternativas. Ver RIOSA, A. I miti del fascismo e le tante anime dell'apostolo Filippo Corridoni. *Ricerche Storiche*, n. 1, jan. a abr. 1983, p. 137.

⁹⁰ A respeito do sindicalismo fascista e da passagem de sindicalistas revolucionários ao fascismo ver também PERFETTI, F. *Il sindacalismo fascista. Dalle origini alla vigilia dello Stato corporativo (1919-1930)*. Roma: Bonacci, 1988; PARLATO, G. *Il sindacalismo fascista. Dalla 'grande crisi' alla caduta del regime (1930-1943)*. Roma: Bonacci, 1989, e OLIVETTI, A. O. *Dal sindacalismo rivoluzionario al corporativismo*. Roma: Bonacci, 1984.

⁹¹ RENSHAW, op. cit., p. 228.

IMMIGRATION, REVOLUTIONARY SINDICALISM AND FASCISM IN THE LIFE OF ITALIAN MILITANT EDMONDO ROSSONI

ABSTRACT

Attracted by the call of some friends exiled in Brazil in virtue of the repression that followed the 1908 great agrarian strike in Parma (northern Italy), the revolutionary-sindicalist Edmondo Rossoni, who would have become, years later, the lead maker of the fascist unionism, left, in 1909, the French exile for a Brazilian one. This article explores some basic aspects of its ideas and its intense labour and politics experience in Brazil, revealed through articles, lectures, meeting speeches, and the key role in unions and strikes, beyond a formal teaching experience as professor of the Modern School of Água Branca, a working-class neighbourhood in São Paulo. Moreover, the article set out a reflection, for the path of Rossoni, on the strong linkings between the experience of the immigration and the maturing of syndicalist and nationalist certainties that explain, in part, the path of some militant who, like him, for winding ways, had been to stop in the arms of Fascism. Thus, in this contribution, it is produced a central reflection on Revolutionary- Syndicalism and Fascism and on the relations, fictitious or real, that have been established between them.

KEYWORDS

Immigration. Revolutionary Sindicalism. Fascism. Corporatism.



Da esquerda para a direita são Italo Balbo, Giuseppe Bottai, Edmondo Rossoni e Curzio Malaparte. Foto de Paolo Garretto.

PARLATO, Giuseppe. *La sinistra fascista. Storia di un progetto mancato*. Bologna, Il Mulino, 2000. (Capa de livro.)